

## PREFÁCIO

### **Pistas shakespeare-machadianas para pensar os tensionamentos de uma educação cada vez mais big tecnológica**

*Eduardo Reis Silva<sup>1</sup>*

Machado de Assis resgata em seu conto A cartomante, o inquietante comentário de Hamlet para Horácio no texto teatral de Shakespeare: “Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”<sup>2</sup>. Na perspectiva machadiana, há uma ironia acerca da fuga da realidade, das comprovações exatas e, sobretudo, de todos aqueles que se afastaram de um sistema lógico promulgado pelos avanços científicos do século XIX.

Para o teórico Dante Gallian, estudioso do universo shakespeariano, nos deparamos com uma outra sentença: “ser ou não ser, eis a questão”, tão forte e expressiva quanto à primeira descrita neste texto e que, a bem da verdade, se é que podemos falar em verdade, temos um aprofundamento ao que se refere ao sentido de modernidade já expressos naquele período, se entendemos que o dramaturgo desponta, ainda lá no Renascimento o que se estenderia, por outras linhas de análise, o debate acerca do “ser” e do “pensar”, nos estudos de seu contemporâneo Descartes.

O fato é que a palavra “ser”, neste contexto, ganha entendimentos outros, quando associada ao termo “fazer”. Para Gallian, sou aquilo que faço e não o que penso ser. O entendimento de minha existência está atrelado à condição de minhas ações no mundo. Em contrapartida, deixo de ser, quando não tomo decisões que deveria tomar, no momento oportuno ao que se estabelece quando sou conclamado a agir na partilha do comum.

Hamlet ao não resolver o assassinato de seu pai, assim como o personagem Camilo, que em sua trajetória, não resolve seu caso com Rita, no conto de Machado de Assis, acabam por postergar suas ações em razão de uma desrazão metafísica. No caso de Hamlet, a crença na aparição do fantasma do pai, o Rei assassinado pelo irmão e, no conto de Assis, a ilusão despertada pelas cartas do tarô premonitório da vidente levam os personagens a uma espécie de inação diante dos problemas aos quais teriam que solucionar.

## PREFÁCIO

Portanto, se concordamos com Shakespeare que ser é fazer, é possível dizer que, nesta edição da Revista Olhares, constam textos que perfazem potencialidades que deflagram multiplicidades de ações. Tais multiplicidades apresentam-se no sentido de se estabelecer implicações para a constante e necessária reflexão das trilhas que insurgem quando o assunto é pensar e agir na educação contemporânea, com todas as suas dúvidas, incertezas e desafios, próprios de um mundo, cada vez mais, urgente e tecnológico, com suas extensões artificiais que mais se parecem e se aproximam do fantasma do rei destronado.

No entanto, a nossa fantasmática relação com nós próprios e com os outros também revela segredos impalpáveis, frente às nossas constantes e crescentes artificialidades expostas como afirmação de nossas existências midiáticas. Sou o que faço ou aquilo que mostro ser em uma postagem de um perfil de uma rede social? Dialogamos com pedaços de existências personalizadas em sucessivas telas, como rapsodos algoritmos. Somos tela? Fantasma? Videntes? Quem está lendo os nossos futuros? Há futuro, futuros ou devires? Quem nos lê? E como e quem estamos lendo?

Escrevo este prefácio dentro de um trem em movimento, olhando todas as corporalidades lá fora, ininterruptamente velozes como os trilhos elétricos deste vagão: são carros, pessoas, casas, comércio, ruas, passarelas, passagens, rodovias e estradas. Tudo rápido, todos correndo, se atropelando nas estações, nos estacionamento, nas entradas e saídas dos shoppings Centers, nos afetos, nas competitividades, nas vaidosas auto projeções.

Escrevo em uma micro máquina acoplada as minhas mãos, daqui penso, existo e me multiplico em ações, projeções e idealizações? De fato, Shakespeare e Machado de Assis, cada um ao seu modo e em suas gerações, provocaram um desconforto atemporal em nossos modos de subjetivação. Modos estes que podem ser apreciados em cada um dos textos desta edição, os quais deflagram temas que perpassam análises que delineiam questionamentos: desde o texto teatral Hamlet, até as problematizações de âmbito tecnológico em tensionamento com os processos cognitivos e educacionais da atualidade.

<sup>1</sup> Editor chefe da Revista Olhares. Doutorando em Artes Cênicas pelo PPGAC - UFBA, Mestre em Literatura Comparada PUC de São Paulo, Licenciado em Filosofia pela Faculdade do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Atua com formação docente no Núcleo de Pesquisa em Práticas docentes UNIJORGE. É integrante do grupo de pesquisa "Clínica de artista: escrita, arte e pensamento", como membro externa da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, desde 2022. [duedua@gmail.com](mailto:duedua@gmail.com).

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.